

Número da fita: 0028

Título: Entrevista com Délcio Bernardo

Mídia: 8 mm

Time Code		Vídeo	Áudio	Tema	Comentário imperdível (interno ao material)	Sugestão (conexões externas)
in	out					
00:00:00	00:04:10	Imagem dos entrevistadores e do entrevistado ao redor da mesa	Conversa sobre o material produzido acerca do Bracuí. E uma breve explicação de como foram produzidas as perguntas que iram preencher a entrevista.			
00:04:10	00:05:17	//	Nome: Délcio José Bernardo Idade: 41 anos Casado Nascido em Mambucaba, mas sua família se desloca para centro de Angra dos Reis no mesmo ano que ele nasceu (1965)			
00:05:18	00:06:34	//	Deslocamento dos jongueiros para o Morro do Carmo, onde não tinha espaço como tinha na área rural. Faltava espaço até para plantar, o que dificultava o sustento da família (eram 12 irmãos – ele é o mais novo dos homens)	JO		

00:06:35	00:08:13	//	Vem para a cidade porque é o momento em que Angra dos Reis sofre um progresso urbano – Estaleiro, Rio Santos, centrais elétricas - gerando um crescimento populacional. Porém Angra é uma cidade pequena que passará acolher uma população muito grande, e é nesse contexto que ele se desloca para o Morro do Carmo.(1960-1980)			
00:08:14	00:08:36	//	Ele afirma que a Rio-Santos trás a cidade para a roça, que não consegue suportar essa pressão do asfalto e passa a se expelir.			
00:08:37	00:10:07	//	È no Morro do Carmo que ele começou a estudar, aos 9 anos de idade. A mãe dava força para que os filhos estudassem. Dos irmãos ele foi o que mais estudou. E até a geração mais nova também não consegue prosseguir nos estudos, e ele espera que com a discussão do Jongo isso possa melhorar			
00:10:08	00:11:45	//	No Morro do Carmo era complicado devido a falta de espaço para plantar e para acolher os que continuavam chegando. Também falta espaço para o Jongo porque as casas não tinham quintal. Tentava-se reconstruir o que ocorria na roça, mas ficava difícil devido o constante aumento da população do Morro do Carmo.			

00:11:46	00:12:42	//	Na cidade era alterada a função exercida. O pai passou a ser servente de pedreiro e depois foi ser garri. A mão-de-obra não era mas deles. Isso impedia que se fizesse o jongo. Por que fazia-se o jongo durante a noite e no outro dia tinha que acordar cedo para trabalhar	JO		
00:12:43	00:13:54	//	No Morro do Carmo o Jongo também sofreu a barreira dos vizinhos, que estavam muito próximo e eram de “culturas diferentes”, e nem sempre partilhavam a prática do Jongo. Somado a disso a maioria era católica e olhava para o Jongo como macumba. Logo fazer o Jongo naquele contexto era ser visto como macumbeiro, aquele que fazia o mal. E as crianças tinham vergonha de fazer o jongo.	JO		
00:13:55	00:15:27	//	O alcoolismo cresce muito nesse período. E no grupo familiar do Délcio esse problema é muito forte. Isso cria um novo estigma para o Jongo. Esses estereotipos dado ao Jongo afasta-os dele e do próprio grupo familiar. Chegando o momento em que o próprio grupo dos mais velhos orienta os mais novos a não praticar mais o Jongo.	JO		

00:15:28	00:18:58	//	O jongo nunca acabou, mas parou por um tempo de ser praticado. Tinha sempre uma pessoa que persistia nas coisas que todo mundo via como mal. Uma dessas pessoas seria a tia do Délcio: Tia Odila, que fazia festas no Morro do Carmo, fazia rodas de jongo mais destacadas. Mas houve um tempo que realmente não houve nenhuma roda de Jongo. Diz que houve um embate de culturas onde o Jongo perdeu espaço. O Jongo não encontrava espaço na cidade, principalmente devido aos estigmas que lhe era atribuído.	JO		
00:18:59	01:26:03	//	Ele afirma que foi quem continuou com Jongo. Houve um “salto” devido ao seu envolvimento com os movimentos sociais, o principal foi na Igreja com a Pastoral da terra. A família sempre foi católica. A Igreja se envolvia com a luta por terras em Angra dos Reis.	JO		

00:23:21	00:26:26	//	09/03/1991 – Fundação do grupo de consciência negra. Explica o nome do grupo. Apesar de ser fundado devido a campanha da fraternidade este grupo não manteve vínculo com a Igreja. Dentro desse grupo o Délcio se envolveu com Jongô e começa a conversar com as pessoas que faziam o Jongô e percebeu a alegria das pessoas ao falar do Jongô, então eles voltaram a fazer as rodas do Jongô no Morro do Carmo, na Praça. Fala do Seu Carmo Moraes e da Tia Luiza referindo a eles como velhos Jongueiros e contribuintes para a retomada do Jongô.	JO		
00:26:27	00:31:02	//	Fala da sua tia Luiza que não queria ver o Jongô acabar com a sua morte, então o Délcio toma para si a responsabilidade de não deixar isso acontecer. Fazia parte de um grupo de Capoeira que eram na maioria seus familiares e tinham um certo contado com o Jongô, então eles resolvem aprender a tocar o Jongô, e conseguem. Isso ocorreu basicamente em 1993. O grupo de Capoeira não foi a frente, ele era visto como forma de reunir um grupo de familiares. Fala um pouco de como era o grupo de capoeira. O Délcio teve que parar com o grupo de capoeira, mas o Jongô já estava bem fortalecido e continuou.	JO		

00:31:03	00:34:10	//	Começa a falar da sua ida para o Bracuí e conta da sua identificação com os Jongueiros de lá – Seu Zé Adriano. Na casa do Seu Zé Adriano o Délcio começa a refazer o Jongo levava o tambor, que seu Zé Adriano não tinha mais. E passou a ser chamado por ele (Seu Zé Adriano) como o menino da procuração, porque ele ia lá procurar o Jongo. Começou a chegar mais pessoas para participar do Jongo. Seu Zé Adriano passou a revelar as mesmas coisas que seu parentes revelavam sobre o Jongo e viu a necessidade de reavivar o Jongo..	JO		
00:34:11	00:36:40	//	Fala de Pedro Lima de Mambucaba como um grande Jongueiro. Diz as datas em que ocorria o Jongo em Mambucaba. O Jongo em Mambucaba deixa de acontecer quando eles vão para o Morro do Carmo. Quem contava isso pêra ele era o pai, a mãe, o irmão Zadir, Seu Carmo e Seu Zé Adriano. O Bracuí tinha notícias de Mambucaba e iam lá nas rodas de Jongo. E as pessoas de Mambucaba iam para o frade participar das rodas de Jongo.	JO		
00:36:41	00:37:20	//	Fala de como começou a fazer o Jongo no Bracuí, na casa de Seu Zé Adriano. E fala dos dias que acontecia as rodas de Jongo no Bracuí, destacando a do Dia de Santa Rita.	JO		

00:37:21	00:38:43	//	Jongo do lado de fora e o Calango e o forro dentro das casas, tudo ao mesmo tempo. E as pessoas transitavam em todos esses locais. Isso ocorria nas festas das padroeiras tanto em Mambucaba com no Bracuí. Mas no Bracuí o Jongo e o Calango foram perdendo espaço para as músicas.	JO CA		
00:38:44	00:40:18	//	Delcio diz que tem de resgatar um série de história, como a do Calango, a do Jongo, a da Folia de Reis. A folia está sendo refeita no Bracuí, onde ainda há foliões.	JO CA FR		
00:40:19	00:41:09	//	Fala do Projeto “Os caminhos do Jongo”. Que mostrou como os mais novos se interessavam pelo Jongo.	JO		
00:41:10	00:41:44	//	Antes as crianças não podiam participar do Jongo, por que tem Marafunta. (os jongueiros falam isso)	JO		
00:41:45	00:42:50	//	Fala dos pontos do Jongo, de como era antes e com é agora.	JO		
00:42:51	00:43:38	//	Mulher podia entrar na Roda de Jongo e fala da tia Luisa, que fazia grandes desafios e não perdia.	JO		
00:43:39	00:44:14	//	O contato com se deu pela família e durante o seu envolvimento com o movimento negro.	JO		
00:44:15	00:45:18	//	Fala da importância da oralidade, pois permite que os mais velhos contem histórias e cantam pontos para as crianças, as quais tem demonstrado grande interesse pelo jongo.	JO		

00:45:19	00:45:47	//	Diz ter registrado pontos da Tia Luisa.	JO		
00:45:48	00:45:34	//	Ele não trabalha com os pontos escritos, ele gosta que as crianças aprendam pela oralidade.	JO		
00:45:35	00:54:16	//	Delcio fala dos outros jongueiros, afirmando não ter interesse em fazer do Jongo um espetáculo. Fala do contado com outros Jongs de outros lugares. Fala do encontro de Jongueiro de Angra dos Reis como uma forma de conversa entre eles, e não como espetáculo. Propõe que os Jongueiros falem do Jongo. Grande critica ao encontro de Jongueiros, colocando ele precisa se tornar um local próprio dos Jongueiros.	JO		
0054:17	01:00:11	//	Encontro de Jongueiro de Angra dos Reis. Ffundaçãõ do Brasil Mestiço por Marcos André, que passou a organizar o encontro, o qual tomou proporções espetaculares. O Delcio fala com desagrado dessa forma de organização. Para ele o encontro tem que ser dos Jongueiros e ninguém tem que falar o que pode e o que não pode fazer. Para ele, essa estrutura inibi a criatividade do Jongueiro.	JO		

01:00:12	01:04:13	//	O Jongo tem Marafunta, uma linguagem do tambor, isso faz com que todos se entendam, sabendo o que e a hora de fazer. Marafunta como a magia do Jongo que prende todo mundo numa alegria de fazê-lo. Mestre Cabiúna de Pinheiral é citado como um ótimo versejador de pontos de Jongo.	JO		
01:04:14	00:04:41	//	O encontro de Jongueiros é para os Jongueiros conversarem e não para fazer apresentações .	JO		
01:04:42	01:08:25	//	Não consegue entender o despertar do Jongo em diferentes locais. Ele sempre esteve com as pessoas. E vai relatando como ele vai explodindo. “Pelos Caminhos do Jongo, por ele agente faz muita coisa”. Fala da relação da mídia com o Jongo, afirmando que no Bracuí eles não dependem de platéia, sempre vai ter jongo.	JO		
01:08:26	01:10:43	//	Os filmes feitos no Bracuí, pela Secretária de Cultura, pelo Delcio Deobaldo e pelo Cachoeira. E as fitas dos Encontros de Jongueiros	JO		
01:10:44	01:13:12	//	A preocupação do Delcio é o que vai ser dos próximos encontros, pois para ele se continuar esse espetáculo ele vai se tornar repetitivo, mas se ele for um local de conversa ele será local de discussão dos problemas enfrentados pelo afro-descendentes.	JO		

01:13:13	01:13:45	//	Associação Quilombola do Bracuí, que organiza vários cursos, mas começa com o Jongu.	JO		
01:13:46	01:16:00	//	Volta a falar dos Caminhos do Jongu, que passa a encontra-se com o Campinho, onde também foi reavivado o Jongu, que passou a ser inserido no roteiro turístico de Parati. Relata também o contato com a Marambaia e dificuldade com a Marinha.	JO		
01:16:01	01:17:24	//	Fala da festa no Bracuí, e da idéia de colocar três mesas de discussão de acordo com a idade, para falar de diferentes momentos, além das pessoas que lidam com a comunidade.	JO		
01:17:25	01:23:16	//	Situação da terra no Bracuí, que ainda esse ano vai receber a titulação da terra. A questão da terra é facilitada pela questão que os conflitos são mais amenos. A comunidade faz divisa com uma aldeia indígena, com quem eles mantém boas relações. A terra já foi demarcada e todos os laudos já foram feitos. Foi feito um acordo: o empreendimento imobiliário fica com o pedaço que já pegou, mas não pode se expandir mais. A comunidade tem um pedaço de acesso ao mar. Utilizaram o direito dos descentes quilombolas e o testamento do Breves (laudo feito pela Eliane Cantarino).	JO		
01:23:17	01:24:38	//	Explicação dos entrevistadores de como vai ser a segunda parte da entrevista.	JO		

01:24:39	00:28:05	Fica sem imagem	Sem som.	JO		
----------	----------	-----------------	----------	----	--	--

Legenda dos temas	Equipe de decupagem
Jongo – JO Memória do tráfico – MT Quilombo – QL Calango – CA Memória da África – MA Memória da escravidão – ME Folia de Reis – FR Campesinato Negro – CN Fazendas – FA	Camila Marques Camila Mendonça Edmilson Santos Eric Brasil Luana Oliveira Luciana Leonardo Matheus Serva Rejane Celeste Thiago Campos